

Recebido em 20/04/2015 e aprovado em 17/03/2017

Resenha: BELTRAMIM, Fabiana. *Sujeitos iluminados: a reconstituição das experiências vividas no estúdio de Christiano Jr.* São Paulo: Alameda, 2013.

Bruna Oliveira Santiago*

Nesta obra, a autora Fabiana Beltramim problematiza representações do negro a partir de conjuntos fotográficos, com destaque para a produção do fotógrafo português Christiano Jr. O foco analítico da autora é a inserção social da fotografia como representação de negros no Rio de Janeiro de 1864 a 1888. A análise empreendida leva em consideração a fotografia como parte de uma dinâmica social ampla e busca compreender, reconhecer e explorar as tramas sociais que envolvem a cultura visual da época, pensando em conceitos como exotismo e alteridade.

No capítulo 1, Beltramim aborda o universo fotográfico de Christiano Jr. e a relação com outras fotografias do mesmo período. A fotografia de Christiano Jr. nasce do desejo de tornar visível, ver o outro, dominar os indivíduos através da técnica. O duplo sentido da imagem está no fato de que ela representa, ao mesmo tempo, curiosidade com relação ao mundo ou necessidade de apropriar-se dele. Uma questão relevante para a autora é pensar em qual seria a dimensão pragmática das imagens vendidas como *souvenirs*.

Segundo Beltramim, o entendimento histórico da fotografia deve levar em conta a imagem como produção social integrada à experiência vivida pelos sujeitos. Christiano Jr. tinha como narrativa central de seu trabalho a representação dos negros e seus ofícios. A importância do corpo é patente nessas imagens:

* Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo.

Em Christiano Jr. a atração que fere e chama sem desvios é o próprio corpo. Um corpo que fala e grita no silêncio dos gestos, na contenção da pose, na firmeza do olhar. Refletem-se ali duas forças, daquele que se colocou diante do fotógrafo e daquele que se autorreflete na imagem que olha e carrega como lembrança (BELTRAMIM, 2013, p. 69).

A série de Christiano Jr. mostra como eram os ofícios, as roupas e as heranças étnicas dos negros. As condições sociais dos negros retratados foram estampadas nas imagens em elementos como, por exemplo, as roupas e os pés descalços. Sobre os fotografados, não se pode afirmar que todos eram escravos ou generalizar a respeito de sua condição social. O próprio fotógrafo não os definiu, limitando-se a usar a classificação "typos de pretos".

Beltramim afirma que os negros livres ou os escravos encontraram no estúdio fotográfico uma possibilidade de ganho, para si ou para seu senhor. Isso porque se nota a mesma presença em retratos diferentes, indício que leva a crer que era possível que estas pessoas fossem modelos fotográficos. Neste sentido, vale a pena destacar um aspecto inovador no trabalho de Beltramim, que olha atentamente para as imagens e percebe que o ato de ir ao estúdio e se deixar fotografar poderia gerar ganho para o escravo ou liberto. Esta seria uma das alternativas por eles encontrada para ganhar a vida.

O estúdio podia ir além, servindo aos interesses de uma ciência em voga, como se pode perceber nos retratos encomendados pelo cientista Louis Agassiz. Ao centrar a análise nos retratados, a dimensão social da prática fotográfica adquire sentido. As imagens são importantes também no sentido de evidenciar a cultura material que fazia parte da vida do escravo. O argumento da autora é que os usos da fotografia eram incorporados como prática social abrangente, estendida a homens livres e pobres, ou mesmo escravizados. É preciso, portanto, reconhecer os indivíduos retratados como sujeitos atuantes, que estavam cientes da experiência vivenciada.

A fotografia não é ilustração, mas vestígio a mostrar como o sujeito em Christiano Jr. é expressão da dinâmica social. Neste sentido, o fotógrafo, ao lançar um olhar documental para essas práticas sociais, é também cronista de uma cidade, conferindo-lhe uma identidade cidadina, que também era negra (BELTRAMIM, 2013, p. 125).

Em Christiano Jr. o sujeito exprime a prática social, ou seja, o fotógrafo se torna o cronista da cidade, uma cidade onde havia forte presença negra. A fotografia de Christiano Jr. evidenciou o fato de que ser negro no fim do século XIX não era necessariamente ser escravo, já que muitos brancos viviam em condições precárias.

Para Beltramim, o retrato fotográfico é visto como uma atitude social em que signos de pertencimento são elaborados. Outro enfoque inovador do trabalho é a compreensão do lugar social da fotografia e como se deu o entendimento do negro na sociedade. O aspecto da vestimenta fazia parte da prática social dos retratados. As fotografias partiram de uma convenção visual já presente em imagens anteriores, como as de Rugendas ou Debret. Havia na fotografia um desejo de diferenciar e hierarquizar, por tal motivo ela se tornou um corpus documental sobre as práticas sociais. A fotografia do século XIX, desta forma, evidenciou heranças, impôs sentidos ao homem e ao corpo.

No capítulo 2, a autora discorre sobre os retratos em formato *carte-de-visite* que circularam no mercado europeu para difundir a imagem do outro e as teorias raciais de branqueamento. A fotografia, para Beltramim, é uma forma de expressão, uma cultura material que deixa vestígios passíveis de interpretação. Nas fotografias etnográficas, o sujeito é despersonalizado, homogeneizado.

No século XIX, o corpo era visto como lugar da raça, da espécie e da diferença. O corpo era o objeto usado para medir e classificar, enquanto a raça definia o sujeito. Um exemplo é a série produzida por Augusto Stahl, comissionada por Louis Agassiz. As teorias raciais, por seu turno,

inferiorizavam o negro africano a partir do imaginário europeu e isso aparece nas fotografias tiradas por Desiré Charnay. Os conjuntos analisados formam um corpus documental que visa a dominação cultural do outro.

Verifica-se aqui a existência de um sistema de representação, capaz de dar nuances às diferentes visões sobre o negro e, conseqüentemente, sobre a escravidão, presente não apenas na estrutura econômica, mas, também, permeando os sentidos e percepções da época, fortemente vinculada à imagem do negro em sua representação, onde inscreveram-se valores afetivos, científicos e culturais propulsores desta específica forma de representar o negro, sujeito social marcado pelo estigma da escravidão, do atraso, da doença, do exótico. Da condenação (BELTRAMIM, 2013, p. 189).

Por meio da fotografia, incluída a série de Christiano Jr., é possível detectar uma divisão social nos trópicos entre a elite e os pobres. Com isso, abre-se espaço para entender a experiência fotográfica que era marcada por persuasão e convencimento.

O capítulo 3 trata do uso da fotografia como método de observação e classificação. A fotografia deve ser vista como parte de uma dinâmica que explicita as relações sociais, bem como integrante do desenvolvimento tecnológico e industrial, que atingiu também a prática médica. As fotografias para uso médico são vestígios que possuem materialidade evocatória das expectativas do progresso. As fotografias de pessoas com deformidades físicas feitas por Menezes e Christiano Jr. exemplificam isso.

[...] as fotografias para uso médico constituem-se como materialidade capaz de evidenciar parte dessas novas expectativas, o progresso como ideal maior, a formulação de um pensamento intelectual e científico, genuinamente nacional, mas com a mente voltada para a Europa. Para isso, *higienizar, classificar, diferenciar* eram verbos que traduziam a cultura da época. E se palavras traduzem culturas, imagens também conduzem a ela. É a sua materialidade em si mesma. (BELTRAMIM, 2013, p. 224)

A imagem fotográfica evidencia justamente o que se queria esconder, a doença e a pobreza. A doença era entendida através da raça e da miscigenação, enquanto a missão dos médicos era promover a cura das moléstias. As fotografias analisadas permitem ver como os corpos doentes eram investigados. O corpo feminino era ainda mais estigmatizado, sobretudo quando era negro. Isso porque a mulher era parte importante das preocupações higienistas.

O quarto e último capítulo se destina à análise das fotografias do corpo feminino, levando em conta o exotismo, o erotismo e o aspecto etnográfico, fatores que permeavam as imagens. A autora propõe pensar essas mulheres como participantes na interação social. As representações fazem parte de uma rede complexa em que há percepções sobre a raça, a mulher e sua sexualidade.

A fotografia pode então ser entendida como uma forma de imaginação explicitada, onde as posições sociais se definem e reproduzem, constituindo-se como uma forma discursiva portadora de valores estéticos, ideológicos, políticos e culturais; produto resultante de relações de poder que podem se revelar porque trazem inscritas em sua superfície uma dada visão de mundo, uma dada concepção do feminino (BELTRAMIM, 2013, p. 331).

A fotografia era um produto resultante de relações de poder que evidenciava uma visão de mundo. As imagens de caráter erótico tiveram ampla circulação e revelaram um fascínio pelo corpo feminino.

O livro "Sujeitos iluminados" questiona as fotografias de Christiano Jr. a partir do ponto de vista social, a fim de tentar entender os sujeitos fotografados como agentes ativos de seu tempo. Ao percorrer a documentação com atenção aos modos de ver, Beltramim leva em conta a experiência dos sujeitos. A autora vai além do que está representado ao indagar sobre o que estaria por trás daquelas imagens, quem eram aquelas pessoas retratadas e qual seria o motivo pelo qual elas teriam ido ao estúdio

do fotógrafo. As fontes utilizadas foram variadas, não se restringiram apenas ao conjunto de fotografias de Christiano Jr. Foram utilizados também periódicos e revistas científicas da época para situar o acervo dentro do seu contexto de circulação.

O trabalho de Christiano Jr., além de evidenciar aspectos materiais da vida dos fotografados, mostrou uma cidade que era também negra. São imagens que trazem à tona um pouco sobre a vida de pessoas que trabalharam e circularam nas ruas da cidade e deixaram nelas suas marcas.

O objetivo colocado no início, de revelar as tramas sociais da cultura visual, se cumpre na medida em que a autora é bem-sucedida ao estudar a documentação de forma aprofundada. Beltramim não tratou a fotografia apenas como ilustração do passado, e sim a colocou em posição de documento histórico, repleto de significados. Buscou recuperar a experiência social dos retratados como sujeitos atuantes. A análise empreendida nos ajuda a perceber que devemos ir além da imagem, que é preciso estar atento às relações sociais nela engendradas.